

Formação de professores, diversidade e religião: componentes curriculares e zonas de conflito

Deyse Luciano de Jesus Santos¹

RESUMO

Do ponto de vista da educação, pensar a sociedade do século XXI, nos remete a como a mesma se transformou ao longo dos séculos. Da antiguidade aos dias atuais, universalizações e descentração dos sujeitos no mundo fruto das relações estabelecidas, sobretudo no campo teológico, nos leva a reflexões acerca de como estaremos num futuro próximo e incerto, reflexo das novas configurações pós-modernas. Assim, o presente trabalho propõe refletirmos o futuro da educação voltada ao reconhecimento da diversidade presente nas instituições de ensino, tomando como base a formação de professores evangélicos e o conflituoso diálogo dos mesmos, com as discussões propostas pelos componentes curriculares voltados ao diálogo no campo das humanidades. Considerando a quebra dos paradigmas modernos e o avanço do campo religioso no Brasil atual, como professores religiosos lidam com uma formação que vise atender as novas formatações da sociedade?

Palavras-chave: Formação de Professores Evangélicos. Currículo. Diversidade.

Teacher training, diversity and religion: curricular components and conflict zones

ABSTRACT

From the point of view of education, thinking about the society of the 21st century reminds us of how it has changed over the centuries. From the antiquity to the present day universalizations and decentralization of the subjects in the world, fruit of the relations established mainly in the theological field, leads us to reflections about how we will be in the near

¹ Doutora em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc/UNEB. Docente da Faculdade Maurício de Nassau (Pólo Lauro de Freitas/Bahia) e da Educação Básica (Colégio Estadual Sete de Setembro, Salvador/BA). E-mail: deyse10luciano@gmail.com

future and uncertain, reflecting the new postmodern configurations. Thus, the present work proposes to reflect the future of education aimed at recognizing the diversity present in educational institutions, based on the formation of evangelical religious teachers and the conflictive dialogue of them, with the discussions proposed by the curricular components aimed at dialogue in the field of humanities. Considering the breakdown of modern paradigms and the advancement of the religious field in present-day in Brazil, how do religious teachers deal with a formation aimed at attending to the new formations of society?

Keywords: Formation of Evangelical Teachers. Curriculum. Diversity.

Formación de profesores, diversidad y religión: componentes curriculares y zonas de conflicto

RESUMEN

Desde el punto de vista de la educación, pensar la sociedad del siglo XXI, nos remite a cómo la misma se ha transformado a lo largo de los siglos. De la antigüedad a los días actuales universalizaciones y descentraciones de los sujetos en el mundo, fruto de las relaciones establecidas sobre todo en el campo teológico, nos lleva a reflexiones acerca de cómo estaremos en un futuro próximo e incierto, reflejo de las nuevas configuraciones postmodernas. Así, el presente trabajo propone reflejar el futuro de la educación orientada al reconocimiento de la diversidad presente en las instituciones de enseñanza, tomando como base la formación de profesores religiosos evangélicos y el conflictivo diálogo de los mismos con las discusiones propuestas por los componentes curriculares dirigidos al diálogo en el campo de las humanidades. Considerando la ruptura de los paradigmas modernos y el avance del campo religioso en el Brasil actual, ¿cómo los profesores religiosos se ocupan de una formación que apunta a atender a las nuevas formaciones de la sociedad?

Palabras clave: Formación de Profesores Evangélicos. Plan de estudios. Diversidad.

Introdução

ao discutirmos educação e sociedade, do ponto de vista da construção do conhecimento, a diversidade presente nos espaços de forma-

ção intelectual deveria ser vista como positiva. No entanto, no Brasil o que observamos é que há uma zona de tensão estabelecida nos debates de divergências filosóficas e ideológicas, (e aqui nos reportamos ao ensino superior, mais precisamente à formação de professores), que, apesar de interessante para reflexão dos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem, vem sendo reprimida devido à imposição de uma única visão de mundo construída secularmente desde a colonização do continente americano, às novas configurações sociais que se desenvolveram ao longo de nossa história. Diante disso, nos questionamos: como seria a sala de aula sem os debates? Qual seria o percurso a ser traçado para o alcance dessa diversidade? Trazer para a sala de aula todas as discussões presentes, ou retirar os pontos que possivelmente causam tensões nesse ambiente?

Ante tais questionamentos, o artigo ora apresentado, trata-se de um recorte da pesquisa de doutoramento da autora, desenvolvida entre os anos de 2014 e 2017, intitulada de *Identidades Religiosas: subjetividades em conflito na formação de professores*, onde buscou responder as seguintes questões de pesquisa: como se dá a formação de professores de orientação cristã numa proposta de educação cada vez mais voltada à construção de uma sociedade com vistas a atender e respeitar a diversidade? Uma vez inseridos no contexto universitário, que muitas vezes, traz um discurso contrário à sua visão religiosa, como a vivência religiosa interfere na construção da compreensão de mundo dos discentes?

O estudo, metodologicamente ancorado na pesquisa de abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, contou com a inserção da pesquisadora em duas instituições de ensino superior, na condição de docente, atuando em dois cursos distintos: Pedagogia e História. A coleta de dados se deu com a imersão no campo a partir da observação direta o que proporcionou uma visão mais incipiente do objeto pesquisado, contando ainda com a aplicação de questionário e entrevista aos professores em formação. Destarte, propomos refletir como o currículo presente na formação superior dos futuros professores vem gerando polêmica e dissonâncias no percurso dessa formação e na futura atuação dos mesmos de forma a atender a diversidade presente na sociedade vigente.

Modernidade, pós-modernidade e diversidade

Muito se tem dito acerca de como a escola básica não está preparada para dialogar com os sujeitos nela presentes. Mas, ainda re-

produzimos, muitas vezes em sala de aula, nos cursos de formação de professores, uma célebre frase até então de autor desconhecido, mas que ouvimos na fala do Prof. Dr. José Antonio Saja², de que temos uma escola do século XIX, com professores do século XX e alunos do século XXI. Diante disso, questionamos o que de fato vem acontecendo com a educação básica, que vista como tradicional ao longo dos séculos passou por uma série de novas metodologias, psicologias e filosofias de educação ou, na apropriação da fala de Brandão (2013), “educações”. Educações, muitas vezes, respaldadas em políticas públicas que, apesar de apresentarem textos esplêndidos, na maioria das vezes, são implementadas, mas, arquivadas nos compartimentos legais e teóricos sem de fato se efetivarem dando real significado à sua criação. Ou seja, se nos permitem o trocadilho com a nossa história do Brasil, “Lei para brasileiro ver”³.

Assim, quando nos reportamos ao profissional inserido na educação básica, “responsável por essa visão tradicionalista” da educação, nos questionamos quais as contribuições da formação de professores nesse processo. Nesse sentido, estaríamos a bordo de uma sociedade que, apesar de muito jovem em formação, traz em sua memória e história resquícios de uma visão homogênea quando nos reportamos à cultura no sentido mais restrito da palavra, já não mais aplicada ao mundo contemporâneo. O problema é que devemos considerar que essa “suposta homogeneidade” inaugurada com a visão eurocêntrica, cristã e heteronormativa proposta pelo colonizador ao modelo de nação, futuramente denominada de Brasil, não conseguiu atingir o seu ápice como assim o pensavam, pois, a forma como variados povos e suas culturas aqui aportaram ao longo dos séculos de formação do país, foi na contra-mão de tudo que se imaginou.

2 Professor Doutor **José Antonio Saja R. Neves dos Santos** Possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (1977), mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia (1995) e doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (1999). Professor da Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia.

3 O trocadilho se refere a Lei Feijó foi promulgada em 7 de novembro de 1831, que ficou conhecida como a “Lei para inglês ver”, e estabelecia que a partir daquela data seria abolido o tráfico de escravos no atlântico. Tal documento redigido no governo de D, Pedro II, fazia parte do acordo entre Portugal e Inglaterra, onde o Brasil colaboraria com a proposta do governo inglês, e, iria com a Lei redigida pelo Padre Diogo Antônio Feijó em 1831 reprimir o tráfico de escravos, fato que não aconteceu, pois, o tráfico se manteve até 1850 com a Lei Eusébio de Queiroz.

Na contramão de uma história que deveria revelar a multiplicidade de culturas que formaram as sociedades, temos no século XVIII o retorno ao conceito de uma história universal baseada na razão, onde a humanidade seria analisada de forma única e singular negando a diversidade presente na formação do continente europeu, que não somente influenciou, mas, foi influenciado numa troca de culturas presentes nas relações estabelecidas no Mar Mediterrâneo. Sobre esse contexto, Kaly (2016, p. 124) observa que:

Das inúmeras informações contidas na reflexão de Jacky Goody, podemos afirmar que o Mar Mediterrâneo foi, ao longo da história, um corredor de intensos intercâmbios de pessoas oriundas da Ásia, da África e da própria Europa, e ao mesmo tempo de ideias; práticas religiosas; filosofias; culturas; animais; técnicas culinárias, urbanísticas e paisagistas; etiquetas; tecnologias; agrônômicos, plantas; como também das duas maiores religiões monoteístas: o Judaísmo e o Cristianismo. As duas religiões monoteístas ideologicamente teriam como berço de nascimento a Europa. Ora, fica claro que as duas religiões foram introduzidas na Europa via o Mar Mediterrâneo. Ao contrário do que aparenta, ideologicamente, ao longo da sua história, os europeus foram também adotando as práticas de higiene, religiosas, tecnológicas, culturais, filosóficas, de etiqueta, culinárias e de saberes por meio do contato com povos não europeus.

Sendo assim, o autor supracitado nos remete à reflexão de que a Europa se encontra no “cruzamento de intensos movimentos de intercâmbio de civilizações” (KALY, 2016, p. 124), portanto, não caberia a si somente o centro do mundo moderno. Dessa forma, ao pensarmos em educar para a diversidade nas instituições de formação de professores, devemos considerar como a história foi vista pelos mesmos ao longo de sua vida, assim como, a sua construção cultural e ideológica, sobretudo, a partir da opção religiosa dos mesmos, que pode ou vem contribuindo para a oposição a discussões no campo da diversidade. Oposições que se fazem presentes por termos, no Brasil, séculos de uma história contada e reproduzida desconsiderando essa diversidade. E, da mesma forma, as instituições de ensino superior atuavam na formação de professores, que por isso não se viam e que ainda, em sua grande maioria, não se encontram preparados para essa discussão.

Voltando à reflexão da introdução, o professor – e aqui me reporto tanto ao docente do ensino superior, quanto ao presente na educação básica -, ficou possivelmente preso nas informações que teve acesso no século XX. Por conta disso, é comum por vezes reproduzimos ainda hoje, a proposta eurocêntrica da história, não revelando que “os mares Mediterrâneo e Vermelho possibilitaram complexas e ricas hibridizações biológicas e culturais sem precedentes, decorrentes dos imbricados processos coloniais que nunca foram tratados como tais pela historiografia”. (KALY, 2016, p. 125).

Nesse sentido, embora todo o processo de movimento de mudanças inauguradas inicialmente pelo projeto de sociedade moderna, que rompendo com o religioso via a prática da liberdade como possível e fragmentada, o retorno à universalização garantida pela própria história no século XVIII, nos reportou mais uma vez à visão anterior de mundo unificado. Afinal, a ideia moderna de história está dominada pelos conceitos de razão, consciência, sujeito e verdade universal (REIS, 2006) e, portanto, trata-se de uma complexa articulação entre a fragmentação inicial com o “rompimento” da visão metafísica de mundo e a universalização desse conhecimento a fim de reorganizar a sociedade.

Para Berger (2013, p. 20), “A sociedade é constituída e mantida por seres humanos em ação”. Nesse sentido, uma vez que o homem atua em seu contexto ele não somente está construindo o mundo e, conseqüentemente, a partir de suas necessidades, organizando tudo a sua volta, isto é, produzindo a si mesmo nesse mundo por ele criado. No entanto, estamos falando de homens e de mundos, partindo da reflexão de que o mundo humano deve ser compreendido a partir da relação que o indivíduo mantém com a sociedade a que pertence. Essa produção de si mesmo dá-se, sobretudo, na construção do conceito de sociedade presente em cada ser humano a partir do sistema cultural por ele adotado.

Assim, o mundo propriamente dito está representado na cultura daquele que o projetou e por conta disso, estamos falando de fragmentação, de incertezas e diversidade, portanto, nos referimos a mundos. Mundos possíveis a partir da queda dos paradigmas modernos, inaugurando, então, o que se passou a conceber por pós-modernidade. Mas, como pondera Berger (2013, p. 19), “se é necessário que se construam mundos, é muito difícil mantê-los”.

Na concepção de Reis (2006, p. 45):

Muitos intérpretes começam a formular a hipótese de que poderíamos talvez estar vivendo algo como uma “pós-modernidade”. [...] Essa dita pós-modernidade procura deslegitimar o governo da história pela razão. Ela desacelera a história, desinteressa-se pelo futuro, que não pode mais ser produzido com segurança. O sentido universal se decompõe, os sentidos se multiplicam. A grande narração se fragmenta em múltiplas narrações. A grande narração moderna era normativa, moralista, submetia a ação ao dever ser utópico. Na pós-modernidade, o universal se pulveriza em indivíduos, fragmenta-se. Não há mais supra critérios que possam decidir entre o ser e o dever ser

É pensando nessa dificuldade de manter os mundos hibridamente construídos, num momento de conflitos e incertezas da pós-modernidade, que buscamos compreender como os sujeitos vêm dialogando com suas verdades numa proposta de mundo por vezes “unificado”, uma vez que as relações cotidianas são estabelecidas por hipóstases sociais – que estabelecem na prática a sociedade imaginada pelo homem -, resultado da ação humana na construção da sociedade em outros momentos, fragmentado nas relações diferenciadas que são mantidas por esses sujeitos a partir de suas escolhas de convivência, sobretudo religiosas. No entanto, entendendo que a dificuldade de relações sociais não é algo novo, uma vez que esteve presente ao longo da formação humana como um todo, e que essa unidade vista então como possível de ser “mantida” diante de uma diversidade de realidades e subjetividades presentes nos mais diversos grupos, é que nos deparamos com uma universidade que vem sendo repensada e ressignificada no contexto social atual.

É assim que, na atual perspectiva histórica, surgem “novos sujeitos”, “novas culturas”, e juntamente com suas emergentes “aparções” muitos dilemas, visto que até então, muito do que se solidificou enquanto verdade, ainda resiste em fragmentar-se no campo da diversidade. Assim, nessa multiplicidade de verdades que convivem na “sociedade democrática”, configura-se o campo de tensão, que aqui chamaremos de fronteiras culturais dos professores em formação no ensino superior, que por sua vez, se tornarão os futuros docentes deste e de outros tantos espaços de educação. E quando tratamos do Ensino

Superior, essa é uma questão de alta complexidade de discussão, visto que, esse vem sendo o espaço de atuação científica, que do alto da sua visão de mundo, muitas vezes, desconsidera as subjetividades presentes nas salas de aula.

De acordo com Tardiff (2013), é preciso considerar que o professor não está neutro em sua formação e ação, é preciso considerar os saberes docentes que fazem parte da construção de suas identidades, que na sala de aula, independente do grau de formação em que atuem –seja no ensino superior e/ou educação básica -, irá ser mais um, diante de tantos outros presentes entre seus alunos. Assim, inaugurada essa diferença, é preciso considerar ainda a diversidade religiosa presente nessa diferença, visto que a religião deve ser considerada como de fórum íntimo e, portanto, refletida como parte dessa diversidade presente nas instituições de produção científica.

Corroborando com Simmel (2006, p. 13), é importante percebermos que a “diferença existente é somente aquela que se dá entre os diversos propósitos de conhecimento, os quais correspondem a diferentes posições de distanciamento”. Nesse contexto, temos que considerar que, uma vez fazendo parte de determinado grupo, é muito difícil abrir mão das verdades por ele construídas e considerar outras possibilidades. Assim, foi a partir do nosso olhar ao campo de pesquisa que compreendemos que é nesse momento da socialização dos sujeitos que se encontra instalado o conflito.

Professores evangélicos, diversidade e currículo: limites entre fé e razão

Diante do exposto, quando pensamos na formação superior, partimos do pressuposto que esse é o momento da construção do conhecimento profundamente científico. Para muitos acadêmicos, a universidade é um espaço de neutralidade quando nos reportamos a subjetividades. Fé e ciência não dialogam ou não dialogavam, pois o conhecimento científico não pode traduzir o conhecimento teológico do ponto de vista das relações estabelecidas entre os religiosos, suas vivências e espaços de fé. Mas, os mesmos acadêmicos esquecem que um dia a instituição formadora da razão surgiu de propostas religiosas, pois durante muito tempo, foi no centro dos grandes mosteiros que o conhecimento esteve presente, ou não, hoje precisam dialogar com a

presença da religião nas universidades, se impondo e debatendo suas visões de mundo.

Qual seria, então, a diferença e/ou o limite entre a fé e a razão, quando nos deparamos com discentes de cursos de formação de professores, que além do desejo de serem futuros docentes, ocupando não somente a escola básica, mas, também as cadeiras universitárias? O limiar entre fé e razão seria um entrave na formação desses discentes/docentes? E por que seria? Uma vez que para Tardif (2013, p. 230):

[...] um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimento e um saber fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e orienta.

Haja vista que, atualmente, os espaços acadêmicos, que durante muito tempo foram vistos como espaços de resistência ao campo religioso, têm se configurado cada vez mais religiosos, quer seja na composição dos grupos discentes que ingressam a cada ano, quer seja, na própria formação do corpo docente aí presente.

O fato é que o espaço que seria a transição da visão metafísica no campo da história, para a razão científica inaugurada com o mundo moderno, e que, portanto, romperia com o campo teológico se viu contraditório na própria perspectiva do sujeito que ora capitalista, ora religioso, buscou repensar seu cotidiano de forma a adaptá-lo à sua nova realidade. Essa fragmentação da realidade vivida e experimentada pelo homem, desde os primórdios do capitalismo comercial, avançou com o desenvolvimento da indústria e, conseqüentemente da tecnologia, tornando as fronteiras culturais cada vez mais fluídas ou, parafraseando Bauman (2001), líquida, de forma a nos encontrarmos em um momento onde as subjetividades humanas criam incertezas cada vez mais complexas no campo social.

Quando mencionamos as subjetividades desenvolvidas a partir da confissão religiosa dos sujeitos, compreendemos que a imersão do fiel em sua doutrina, e as formas como ele dialoga com ela, podem influenciar tanto a produção do conhecimento por parte dele - e aqui nos

referimos aos discentes de graduação -, como também na sua atuação na condição de docente, uma vez que a prática pode estar preenchida por seus valores pessoais. No entanto, se compreendemos que a Palavra representa a única verdade para a maioria dos evangélicos, entende-se que a inserção do fiel nas Instituições de Ensino Superior se dá de forma conflituosa, devido ao choque da doutrina com o conhecimento científico. Mas, por outro lado, o que seria esse conflito se a diversidade de pensamento, e aqui nos referimos às opções religiosas, fazem parte dessa atual dinâmica social fruto do mundo pós-moderno?

Sendo assim, se pensarmos num curso de formação de professores da área de Humanas, levando em consideração a observação de Berger (2000) que nesses grupos a elite intelectual secularizada se faz mais presente, como se daria essa formação docente? De que forma e em que momento a formação religiosa desses sujeitos materializaria essa resistência ao conhecimento científico? Com base nos questionamentos, a pesquisa apresentada, ou parte dela, a partir de uma proposta de cunho etnográfico, analisar como determinados componentes curriculares presentes na formação de professores nos cursos de pedagogia e história, são alvo de tensão nas discussões realizadas em sala de aula. E para uma melhor compreensão das subjetividades presente no campo religioso em questão, propomos um diálogo com duas outras pesquisas anteriores, como forma de proporcionar uma reflexão crítica da importância da formação docente visando uma sociedade plural⁴.

Retomando a pesquisa em questão, durante a análise do currículo dos cursos de Pedagogia e História, os componentes que mais surgiram nos debates, tanto do ponto de vista dos discentes quanto dos docentes, foram: filosofia, antropologia, sociologia e/ou responsabilidade social e educação para as relações étnicos raciais e/ou História e cultura afro-indígena brasileiro. É preciso avaliar que todos os componentes citados, discutem o campo das humanidades e mais precisamente, trazem para a sala de aula reflexões que desmontam a proposta universalizada

4 Os dados aqui utilizados (2008 e 2011) fazem parte do percurso formativo da pesquisadora que em 2008, já discutia o tema em questão tendo como campo a educação básica. Assim, dialogamos com dados de duas pesquisas: em 2008 que resultou na publicação: "Tá repreendido em nome de Jesus!": Religião, identidade e conflito com a implementação da Lei 10.639. Curitiba: Appris Editora e Livraria Ltda e na sequência em 2011 a pesquisa realizada para atender ao projeto de mestrado em Educação e Contemporaneidade e teve como resultado a dissertação: A Palavra e a Escola: Negociação e Conflito no Trabalho com a Lei 10.639/03. 2013, 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado da Bahia - Salvador.

de cultura e sociedade muito presente no século XVIII e que ainda hoje se reproduz na sociedade brasileira.

Assim, questões presentes em nosso cotidiano que a todo o momento emergem como problemas sociais enfrentados a partir da visão de sociedade culturalmente universalizada a que fomos submetidos, se constituem presentes na zona de tensão entre a identidade religiosa e a formação intelectual dos professores em formação. Destarte, por exemplo, debater o papel da mulher na sociedade na busca de romper com um machismo secularmente construído em nossas memórias, é tão complicado quanto aceitar e/ou respeitar a diversidade de identidades de gênero e as novas configurações de família, de cultura e religião presentes em nosso cotidiano. No entanto, a importância de tais discussões presente no currículo se faz, sobretudo, por conta de haver a necessidade de promovermos uma formação ética em busca de uma equidade social, visto que:

Uma formação ética é uma formação que ensina as cidadanias, no plural, para que o professorado, de forma individual e coletiva, as aplique transversalmente em sua atividade profissional; que proporciona as habilidades sociais que permitem compreender a realidade e fazer uma leitura crítica dos acontecimentos e do entorno; que, além disso, forma na independência de opinião, de raciocínio, de deliberação e de diálogo construtivo; que ajuda a transformar as relações das pessoas com as sensibilidades democráticas, sociais, paritárias, interculturais e ambientais (IMBÉRNON, 2016, p. 178).

Essa necessidade de relativizar o olhar em sala de aula que está diretamente relacionada à visão ética de mundo que nós mantemos em nossa formação individual deve ser pensada, pois a todo o momento teremos que romper com o particular e nos depararmos com o coletivo, com visões, ações e construções diferentes. É nessa perspectiva que Imbernón (2016) nos convida a refletir de qual ética nós falamos? E ainda segue pontuado que a formação de professores, vista por muitos como um espaço de construção natural dessa visão ética de mundo, nem sempre é real por conta de como os mesmos vivenciaram essa ética na prática de suas realidades cotidianas e inclusive na própria educação formal.

Assim, nossa preocupação gira em torno de como serão esses futuros professores discentes, na formação dos alunos se não conseguirem transcender as suas verdades, considerando o outro enquanto possibilidade independente de quem ele/ela seja e/ou represente socialmente. Uma preocupação que surge da percepção da pesquisadora que, na condição de docente na formação de professores, lida com as tensões na sala de aula, fruto do conflito que se estabelece entre a visão teológica do discente e o conhecimento científico proposto.

Tensões, conflitos e subjetividades: diálogos possíveis?!

No semestre 2016.2, no curso de Pedagogia, durante as aulas do componente curricular responsabilidade social, no sexto semestre, no qual a autora atuava na condição de docente, iniciou-se uma grande tensão ao discutirmos o movimento feminista e o papel que vem desempenhando a mulher na sociedade. Naquele momento, foi trazida pelas discentes a problemática do machismo. O debate girou em torno de como a Bíblia assegura em seus textos a relação do masculino com o feminino. Nessa direção, em um momento anterior, no curso de História, ao questionar a uma discente como a religião influencia em suas escolhas e formas de vida, a mesma apontou como a mulher deve se comportar diante a sociedade:

O mundo hoje está muito difícil, essa semana a gente passou por uma situação aqui terrível de um policial que abusou de duas adolescentes aqui em Itanhém. Então, eu quero que a minha filha cresça com uma formação ética diferenciada, não com aquela visão de que muitos têm aí, ah! Tudo é normal, tudo pode, tudo está permissível, que a visão que ela tem é a seguinte: que ela é uma joia, joia não é para todo mundo, bijuteria sim. Bijuteria qualquer um tem acesso, agora joia não. E aí, nessa perspectiva é que eu quero criar. Então, dentro de casa, eu procuro ao máximo dar exemplo para ela como mãe, como esposa, como mulher, isso porque a bíblia me ensina isso né? Mas voltada para a doutrina bíblica mesmo. Eu evito muito usar determinadas roupas porque eu entendo que... é o seguinte, a mulher se veste muito, algumas, com a intenção de provocar o homem, né? De provocar o homem, e se eu me visto com a intenção de estar a provocar eu já estou pecando. E o pecado é algo que me afasta de Deus. Então, se eu não

quero perder a minha comunhão com Deus eu devo está evitando o pecado. (JÉSSICA, fiel Batista, discente do curso de história, entrevista, 2015)

Esse debate sobre a condição da mulher na sociedade vem sendo uma discussão muito presente nas salas de aula. E como podemos observar na fala de Jéssica, ela complementa a visão das discentes de pedagogia que culminou na tensão gerada na discussão, quando as mesmas, apontam a mulher como culpada pela violência provocada por parte do homem. Para traçar um paralelo à discussão, a discente afirma que orienta a sua filha para que adote um comportamento diferente das “demais” garotas da mesma idade e busca na Bíblia essas orientações.

Para Jéssica, o problema do mundo está nas pessoas que insistem em viver de forma “inadequada”. Ainda ao tratar da relação da religião com a sua construção de vida, ela continua:

Olha, hoje em dia a religião interfere em tudo, porque eu penso muito no que eu vou falar, no que eu vou vestir, nos lugares que eu vou frequentar, porque eu quero e tenho que me identificar como cristã. Como diferente das outras pessoas. Quero que as outras pessoas olhem para mim e veja: Jéssica é uma pessoa diferente! Ela não é igual a muitas outras pessoas, ela tem algo de diferente nela. Então, influencia em tudo. É muito diferente você ver uma pessoa que vive com Deus, que caminha com Deus, está com ele ali presente para você ver outra pessoa que não vive isso no cotidiano. É igual a gente fala, a tempestade com Deus é tranquila, você passa por ela, não que a pessoa não passe por tempestade, passa sim, mas você passa por ela diferente de uma pessoa que não está tão ligada a questão religiosa. Você passa com uma paz, com uma tranquilidade, né? (JÉSSICA, fiel Batista, discente do curso de história, entrevista, 2015)

Dessa forma, a contribuição da interlocutora revela que a relação estabelecida entre a fé e a vida possui uma relevância significativa para o fiel, que tem no diálogo com Deus a resposta às questões difíceis do dia a dia. Partindo da concepção de capital social de Bourdieu (2008), e considerando que o espaço religioso pode ser compreendido como uma rede durável e institucionalizada de relações sociais, que mantêm entre si ligações que podem ser estabelecidas de forma permanente e útil, compreendemos que nas instituições de ensino superior, anterior-

mente tão temida por muitos religiosos, hoje mantêm entre esses fiéis uma rede de articulação que o ajudam a lidar com os possíveis conflitos, assim como, contribuem na manutenção da fé. Sendo assim, mesmo que consideremos que nos últimos dez anos as alterações do campo social vêm colocando à prova os saberes transmitidos na educação formal, observando-se assim que essa tem sido uma situação de difícil trato. Na realidade, o que se tem hoje é uma formação de professores que, apesar de todo o discurso e tentativa de lidar com a diversidade, ainda não consegue atendê-la.

É preciso, portanto, refletir que a formação docente é o ponto de partida para essas discussões, pois uma vez formados na condição de professores – na educação básica e/ou no ensino superior –, será ele o profissional responsável pela reflexão dos novos paradigmas contribuindo para uma sociedade menos preconceituosa. Pois, o que observamos é que as lacunas na formação de professores refletem diretamente na relação de ensino aprendizagem na atuação dos mesmos em suas salas de aula. Dessa forma, como pensarmos uma sociedade menos preconceituosa, se as instituições de educação que seriam espaços voltados à desconstrução dos preconceitos, acabam por serem reprodutores de valores individuais em detrimento do coletivo.

Quando pensamos na atuação do professor na educação básica, que se trata da formação inicial do sujeito e, portanto, de grande importância na formação e construção da cidadania, observamos que essa realidade vem sendo a cada dia agravada, pois nas escolas residem focos de conflitos entre a comunidade escolar e professores, por não aceitarem e/ou questionarem conteúdos a serem trabalhados que deem conta de debates tão caros à sociedade brasileira, como a questão étnica racial. Em 2008, a pesquisadora na conclusão de uma especialização, em busca de compreender como se dá a construção da identidade do negro evangélico tendo como ponto de partida a História e Cultura Africana, foi a campo observar e ouvir alunos negros evangélicos matriculados na Educação Básica a respeito do que eles pensavam sobre a escola e as atividades voltadas à efetivação da Lei 10.639/03. Naquele momento, uma colaboradora apontou a preocupação da Igreja nesse aspecto, relatando o seguinte:

Certo dia, lá na igreja, um irmão auxiliar do pastor chamou atenção de todos em relação à escola: ele pediu que o povo vigiasse seus filhos na escola, pois a esco-

la não era mais de confiança. Agora é Lei na escola as crianças fazerem trabalhos nos terreiros. A sorte dele é que sua filha lhe conta tudo. Então ele orientou a filha dizendo que não fizesse, que ela tirasse zero, mas não fizesse! E se ela fizer vai apanhar, porque quem manda nela sou eu e não as professoras! E depois ele iria à escola conversar com a professora (LAURA, fiel Assembleia 2008, apud SANTOS, 2012b, p. 89).

Como podemos perceber a educação formal aos poucos vai se configurando enquanto um campo de tensão para o fiel. Dependendo de como seja a prática educacional presente nesse contexto pode ser questionada e também desconsiderada. Para tanto, as orientações são socializadas à medida que as informações chegam. Vale ressaltar que, apesar de considerarmos que uma vez presente na vida do fiel, a doutrina determina suas ações e escolhas no mundo, nem todos se posicionam e/ou pensam da mesma maneira.

Ao chegar ao Ensino Superior, o que pudemos perceber com a pesquisa do doutorado, foi que essa jovem evangélica continua a enfrentar problemas, principalmente porque para avançar no curso escolhido, seja ele qual for, será necessário despir-se de determinadas construções e visões de mundo atribuídas à mesma a partir das orientações da igreja. Nesse sentido, foi observado que em se tratando do ensino superior é muito comum os discentes não permanecerem na sala, estabelecendo um trânsito enorme entre a sala de aula e os corredores, quando algo que o incomoda muito está em pauta durante a aula.

Outra questão muito presente na formação superior está centrada na necessidade de fazer a leitura de alguns autores que para muitos é conflituoso, tornando-se, muitas vezes, um momento de tensão para os mesmos. Diante de uma situação deste tipo, uma discente do curso de pedagogia afirmou:

Professora estou toda desconstruída! Não consigo ler alguns autores, porque é muito para mim. Tomaz Tadeu é um deles, porque é preciso reconhecer e respeitar a diversidade para, então, compreender o que é identidade? (ISABEL, fiel assembleana, discente do curso de pedagogia, caderno de campo, 2016).

O que percebemos é que o cuidado no trato das informações e na atuação prática desses momentos de tensão, independente da denominação religiosa a que esteja ligado o fiel, serve para todos que

comunguem de uma mesma doutrina. Nesse sentido, Bourdieu (2008) chama a atenção para o fato de que a vinculação dos sujeitos a um grupo contribui para que os mesmos passem por um processo de reconhecimento e inter-reconhecimento, numa relação onde possuem interesses em comum, que podem estar vinculados ao campo econômico e social, ou simbólico. No caso dos espaços de fé, esse capital social está diretamente relacionado ao campo simbólico que se organiza por meio do reconhecimento e aproximação dos sujeitos, de forma a se perpetuar até as futuras gerações. E uma vez estabelecida essa conexão entre eles, romper com a visão de mundo e sociedade objetivada no grupo é abrir mão da fé e crença na Palavra.

Compreendemos que de forma subjetiva, a doutrina atua na vida do fiel, determinando as obrigações dele para com sua fé e, muitas vezes, as interpretações de tais obrigações podem variar de acordo com a forma como este, lida com essa fé. No entanto, é preciso considerar que essa é uma relação de troca, na qual o fiel se compromete com os limites estabelecidos nos espaços de fé, os quais, por sua vez, têm no próprio fiel o mantenedor desses limites, já que cada membro pertencente ao grupo se torna responsável por sua manutenção através da preservação do estabelecido a partir de sua conduta. Sobre esse aspecto, uma mãe interlocutora da pesquisa do mestrado, relatou uma conversa que teve com sua filha sobre a dificuldade que a menina tinha em fazer amigos na escola:

Minha mãe, se a Bíblia diz que a gente não pode adorar, então porque está ensinando isso na sala? Então, ela está tendo uma dificuldade de aprender certas coisas e a escola dominical ensinou que o trigo não deve se misturar com o joio, então ela diz: - Minha mãe, mas se diz que a gente não pode se misturar com pessoas erradas, se minha aula diz que eu não posso me misturar com o joio... eu sou o trigo! (PARTICIPANTE 9, fiel Assembleia na 2011, apud SANTOS, 2012b, p. 103).

Empreendemos dessa fala que a conduta firmada nos encontros de fé, na interpretação da Palavra presente na Bíblia, é reafirmada nas orientações dadas pela igreja, quer seja nas escolas Bíblicas e/ou nas publicações direcionadas aos fiéis, pois "O adolescente que se envolve com grupos que fazem uso de músicas mundanas ou se vestem de modo indecente e desrespeitem seus pais estão contrariando os preceitos bíblicos" (CPAD, 2011, p. 5).

Retomando as entrevistas realizadas no campo, durante a pesquisa realizada para a tese de doutoramento, os interlocutores trouxeram em seus relatos aspectos que confirmam esta separação, como já vimos anteriormente na fala de Jéssica, quando estabelece a diferença entre a jovem evangélica e a jovem do mundo. Considerando a distinção que a discente faz entre a joia e a bijuteria, e que a relação estabelecida por ela é fruto de um questionamento sobre a diferença entre o fiel e os “homens do mundo”, podemos inferir que essa conduta que tem sido repassada nos grupos evangélicos aos poucos estabelece não somente as normas de convivência, mas mantém a vigilância, a solidariedade e a preservação da fé. Assim, o campo nos revela que, ainda que os sujeitos que avançaram nas discussões no percurso de formação aos poucos demonstrassem menor resistência no âmbito das relações, considerando o “outro” enquanto possibilidade de convivência, o posicionamento e o argumento para a acolhida vem por meio da sua fé e o exige de qualquer situação que manche a sua conduta.

Dando sequência à análise dos dados coletados no campo sobre como a religião está presente na formação dos professores evangélicos, uma das questões girava em torno de compreender se mesmo diante a tantas tensões, houve mudanças na vida desses fiéis após adentrarem o ensino superior. Ao questionar Isabel, discente do curso de pedagogia sobre o que a formação mudou na sua prática cotidiana, a mesma na condição de evangélica da Assembleia de Deus, afirmou que muita coisa. Utilizou como exemplo dessa mudança como ela passou a repensar o seu preconceito em relação às outras pessoas não cristãs.

Deus, ele não ama o pecador e detesta o pecado. Talvez ele não se agrade com aquela prática. Mas, Deus ama ele como ser humano, assim como ele me ama. Deus não vai me amar mais porque eu sou evangélica e amar ele menos porque ele não é evangélico. Mas, é a prática dele e a minha prática que vai influenciar nesse amor (ISABEL, fiel assembleana, discente do curso de pedagogia, entrevista, 2016).

Ao analisarmos a fala de Isabel, percebemos que a mesma busca na sua relação com Deus a resposta para sua relação com o Outro, ainda que o comportamento deste seja diferente do dela. Para a discente, quem estabelece essa diferença é o não fiel, o qual a partir da sua prática se distancia do amor de Deus. Afinal, um dos mandamentos da Bíblia é

“Amai ao próximo como a ti mesmo!” (Levítico, 19:18), logo, como Deus não amaria todos os filhos? A diferença do amor afirmado por Isabel está na conduta do filho perante o Pai, por conseguinte, é nesse aspecto que reside o compromisso com a doutrina.

Destarte, os dados das pesquisas (2012, 2017) revelam que os fiéis evangélicos articulam numa rede de solidariedade, a manutenção de sua fé e a convivência com a doutrina que tem Jesus como o Verbo⁵, ou seja, é ele quem alimenta e rege a vida desse fiel, o faz refletir sistematicamente cada ação, influenciando assim também no campo de formação intelectual dos mesmos. Esse limiar entre a doutrina e a educação formal não somente tenciona as relações em sala de aula, no que diz respeito aos conteúdos, mas também muitas vezes dificulta as relações no espaço de formação por conta da assepsia que o fiel faz nas suas escolhas no campo das amizades, as quais, por sua vez, partem das orientações vinculadas à fé (SANTOS, 2012a). Sobre esse aspecto, as publicações feitas pelas Igrejas costumam orientar ainda que:

Prefira os amigos que gostam de estarem presentes nos cultos e eventos da igreja, para que, assim, sua vida espiritual cresça na graça e no conhecimento. Enquanto pessoa e criatura de Deus, todas as coisas são permitidas a você, isto é, você é livre para fazer o que quiser, pois Deus lhe deu o livre direito de julgar as coisas. Porém enquanto filho de Deus, nem tudo lhe convém: assim como a sua aparência reflete sua raça e tipo físico de sua família, como filho de Deus, você precisa refletir Deus, o seu pai, tanto na forma de se vestir como na de agir e de falar (CPAD, 2008, p. 06).

Assim, para o evangélico transitar nos espaços de educação constitui-se, na maioria das vezes, uma linha tênue passível de situações de conflito, pois nesses espaços, a presença da diversidade ideológica é inevitável e as construções de mundo, muitas vezes, questionadas. Além disso, é preciso refletir que ainda que questionemos as instituições de ensino, são elas as responsáveis pela educação formal do sujeito. Por conta disso, o conhecimento adquirido, quer seja na Educação Básica, quer seja no Ensino Superior, torna-se uma “obrigação” para cumprimento de proposta da formação, mas não para res-

5 No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus [...]. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (Jo 1,1.3). “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (João 14).

postas ao “mundo real” desse fiel. Manter-se nesse espaço plural pode ser menos tenso se houver, ali, uma rede de relações que comungue de seu capital social e cultural, pois os “lucros que o pertencimento a um grupo proporciona estão na base da solidariedade que os torna possível” (BOURDIEU, 2008, p. 67). Dessa forma, como lidar com o que não lhe faz sentido? Seriam as instituições formais de ensino os espaços de maior tensão entre a visão do professor evangélico e a prática em uma realidade diversa?

A formação religiosa dos discentes e os conteúdos trabalhados na formação e na prática docente

Diante do exposto, uma das hipóteses levantadas na proposta da pesquisa de doutoramento é de que a imersão desse sujeito na sua religião, assim como o grau de investimento que o mesmo faz nesse sentido, contribui para que ele, apesar do conflito, lide com os espaços do mundo sem se debelar de suas verdades, ou seja, sem perder seu vínculo religioso e, por conseguinte, sua fé se mantenha. Nesse sentido, quando questionamos aos colaboradores no momento das entrevistas como eles lidam com os debates propostos pelos docentes, o que os incomodam e/ou vão de encontro a sua confissão de fé, responderam:

Pra mim a Bíblia é uma bússola, eu sigo, procuro seguir [...] Deus diz que é para nós provarmos de tudo e reter o que é bom, posso fazer o trabalho, solicitado pelo professor. Eu posso dialogar com aquele conteúdo, mas em minha vida aquilo ali não pode me influenciar em nada, se for algo que venha a ferir meus princípios. [...], mas eu vou procurar viver o que creio, o que eu vivo, vivencio, mas aquilo ali não vai me inferir em nada porque eu tenho uma visão diferenciada (ELIONAI, fiel da Deus é amor, discente curso de pedagogia, entrevista, 2015).

E, aí, eu estudo aquilo que cai na prova, coloco aquilo que ele falou – o professor- e na minha mente não absorvo nada. Eu consigo fazer essa separação do que eu penso e daquilo que o professor quer que fale (ISABEL, fiel assembleana, discente do curso de pedagogia, entrevista, 2016).

Algumas, porque eu tinha que responder coisas que se eu não acreditasse naquilo ali eu estava respondendo, entendeu? Contradizia as minhas convicções pessoais.

Se eu respondesse de acordo com as minhas convicções não iria alcançar a nota né? Naquele momento eu sou aluna (JÉSSICA, fiel batista, discente curso de pedagogia, caderno de campo, 2017).

As falas das interlocutoras de cursos de modalidades diferentes, as quais também são evangélicas de denominações diferentes, revelam-nos que elas mantêm uma relação profunda com sua fé e participam dos ensinamentos das escolas bíblicas. Quando questionadas sobre sua formação bíblica, duas delas afirmaram fazerem trabalhos em suas igrejas como professoras dessas escolas e/ou liderando grupos de jovens. Dessa forma, podemos perceber que a atuação dos sujeitos em seus espaços de fé os determina enquanto seguidores fiéis, a ponto de não se permitirem determinadas ações e/ou discussões.

Verificamos também que quando ocorre de obrigatoriamente terem que participar de algumas atividades, como no caso das necessidades de discutir determinados temas, isso é realizado de forma consciente e convicta de que é algo passageiro e uma vez cumprida a etapa elas retomam suas vidas religiosas sem nenhum prejuízo as mesmas. Mas, não seria essa posição adotada por nossas interlocutoras uma negação à formação ética profissional? Logo, como nos convidou à reflexão Imbérnon (2016), pensemos como os futuros professores na condição de evangélicos, muitas vezes, resistentes a determinados diálogos presentes na sociedade vigente, lidarão com a diversidade presente em suas futuras salas de aula?

Simmel (2006, p. 83), ao discutir a vida individual como base do conflito, aponta que “o problema verdadeiramente prático da sociedade reside na relação que suas forças e formas estabelecem com os indivíduos – e se a sociedade existe dentro ou fora deles”. Assim, ao refletirmos acerca da posição adotada pelas discentes para lidar com a tensão entre sua formação religiosa em contraponto com a formação científica, fica claro que a vida individual, aqui no sentido mais amplo de sociedade, sobrepõe-se à discussão inerente ao coletivo, no caso global. A sociedade global, ou seja, “o mundo”, nesses casos está fora desses indivíduos, pois os mesmos reconhecem-se numa “sociedade local” formada por seus pares e, como já dita por elas, “pensadas e vividas de forma diferenciada”.

Considerando ainda a dimensão individual em contraponto ao coletivo, no âmbito das relações estabelecidas pelos nossos interlocutores, Simmel (2006, p. 83) explica-nos que essas relações ocorrem porque

“nos indivíduos os elementos fundem-se no fenômeno particular denominado ‘sociedade’ e esta adquire seus próprios pilares e órgãos que se contrapõem ao indivíduo com exigências e atitudes como se fosse um ‘partido estranho’”. No caso dos discentes em formação, tomar determinadas atitudes e/ou assumir alguns posicionamentos muitas vezes não é possível, pois, como ponderou o interlocutor Salomão (2015), fiel batista, discente do curso de história, discutir temas que vão de encontro a sua doutrina “seria complicado sim, porque você fala de uma coisa que você não acredita”. Dessa maneira, compreendemos que esse conhecimento adquirido na formação de forma estratégica, caso fira suas convicções religiosas dos sujeitos pode ser descartado ao final da conclusão do componente curricular e, conseqüentemente, não fará parte da atuação profissional do futuro professor. Mas, como então chega essa formação na atuação do profissional em sala de aula?

Por conta das novas e diversas redes de socialização, em que os mais variados grupos e seus capitais sociais e culturais transitam livremente, ainda que de forma conflituosa, atualmente as instituições de ensino têm lidado com realidades cada vez mais complexas e é preciso que se pense uma formação de educadores sensíveis a compreenderem esse atual contexto social. No entanto, o que se vê é um embate muito grande, não somente no que diz respeito aos alunos evangélicos, mas também aos professores¹ – novos convertidos e/ou recém-formados – que não conseguem trabalhar questões adversas a sua fé religiosa, demonstrando, assim, o despreparo ao lidar com o conflito de sua opção religiosa com determinados temas e conteúdos discutidos em sala de aula.

Assim, o que pudemos perceber ao longo da pesquisa de doutoramento é que, ainda que determinados temas e discussões estejam presentes em sua formação, o professor religioso se manterá firme em seus posicionamento e atitudes durante sua prática docente, pois, a relação que ele estabelece com a fé muitas vezes se sobrepõe às reflexões de ordem científica. A ciência é importante, mas não responde a tudo. Se a ciência existe é por que Deus criou o homem e deu inteligência ao mesmo para que produzisse a ciência.

1 De abril a julho de 2013, participei de uma proposta de formação de professores – RENAFOR – atendendo professores de história atuantes na rede municipal de ensino. A proposta era de ressignificar a prática docente desses sujeitos. Para minha surpresa, a maioria da turma era composta de professores evangélicos: dois pastores e vários fiéis, predominando a Assembleia de Deus.

Considerações finais

o Ensino Superior sempre foi considerado um espaço onde a razão era imperativa, pois nele o conhecimento científico reinava em detrimentos da metafísica. Do ponto de vista do conhecimento fundamentado nas rodas intelectuais, o religioso sempre esteve fora das discussões, afinal, política, futebol e religião não se discutem! Já diziam os nossos avós, reproduzindo um antigo dito popular brasileiro. E, não se discutem por quê? Porque são campos onde a diversidade se faz presente e por conta disto é muito complexo e, senão difícil chegarmos a um senso comum, ou a universalização das ideias.

Por esse motivo a resistência de muitos religiosos adentrarem o mundo científico se fez presente por muito tempo, mas atualmente, as instituições de ensino superior têm tido um grande crescimento de religiosos presentes em suas salas de aula que, na condição de discentes e/ou docentes, discutem acima de tudo que o espaço propõe enquanto diálogo, também a religião. Como pode? Como fazer com o discurso religioso presente nas universidades? Esse vem sendo um campo de tensão travado entre docentes e discentes dos mais variados cursos, assim como, existem variadas possibilidades de estratégias e negociações para o acompanhamento e aprovação dos discentes religiosos nos componentes curriculares que exigem o despertar do sujeito para a realidade social vigente.

Diante o contexto aqui apresentado, a pesquisa revelou que para além do reconhecimento do evangelismo como um dos pontos de diversidade presente nas instituições de formação superior, é preciso refletir como se faz essa presença, e, como pensar num diálogo de possibilidades a construção de um conhecimento que de fato, promova a inclusão dessa diversidade.

Considerando que a pesquisa tratou em analisar a formação de professores, é preciso questionar o (s) conceito (s) de ética profissional presente nesses espaços, tanto do ponto de vista docente, quanto do discente, que na condição de futuro professor na educação, quer seja básica e/ou superior, possa compreender a importância e o direito a diferença presente nas suas salas de aula. Pois, a pesquisa evidenciou que mesmo havendo desconforto por parte dos evangélicos no percurso de sua formação, para os mesmos essa é uma questão de fé, não alterando assim a sua visão de mundo e em muitos casos, senão na

maioria deles, não interferindo, nem modificando em nada o seu posicionamento acerca de discussões importantes à formação do sujeito crítico. O que, por sua vez, pode vir comprometer a proposta de uma educação que contemple em seu cotidiano a diversidade presente na sociedade.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2001.

BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado** – Elementos para uma teoria sociológica da religião. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. A Dessecularização do Mundo: uma visão global. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n.1, p. 9-24, 2000. Disponível em: <<http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/pages/arquivos/desseccularizacao>>. Acesso em: 10 out. 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. Coleção Primeiros Passos, 57 reimpr. São Paulo: Brasiliense, 2013.

CASA PUBLICADORA ASSEMBLEIA DE DEUS (CPAD). **As Parábolas de Jesus**. Lições Bíblicas pré-adolescentes 11-12 anos. Rio de Janeiro, 2008. v.6

IMBERNÓM, Francisco. **Qualidade do Ensino e Formação do Professorado** – uma mudança necessária. São Paulo: Cortez, 2016.

KALY, Pascal Allain. A presença-ausência dos árabes e de Muçulmanos nos processos de modernização Brasileira: a readequação dos mapas coloniais. **Repocs**, v.13, n.26, jul/dez. 2016

REIS, José Carlos. **História e Teoria – Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SANTOS, Deyse Luciano de Jesus. **“Tá reprendido em nome de Jesus!”**: Religião, identidade e conflito com a implementação da Lei 10.639. Curitiba: Appris Editora e Livraria Ltda, 2012a.

_____. **A Palavra e a Escola:** Negociação e Conflito no Trabalho com a Lei 10.639/03. 2012, 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado da Bahia - Salvador, 2012b.

_____. **Identidades religiosas: subjetividades em conflito na formação de professores.** 2017, 264 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado da Bahia - Salvador, 2017.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** 15. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

Recebido em: julho/2018

Aprovado em: agosto/2018